

BLAS JIMÉNEZ E A POESIA AFRO-DOMINICANA

ANA BEATRIZ R. GONÇALVES

UFES

Falar da existência de uma literatura negra ou afro-dominicana é uma questão polêmica, uma vez que a influência do negro e de sua cultura na República Dominicana é um tema de certa complexidade. Como afirma Bruno Rosario Candelier, “los rasgos culturales negros existentes en Santo Domingo no han sido valorizados del todo, ni en todo su alcance. Pese a que están ahí, se niegan, se ocultan o se subestiman sus manifestaciones”¹.

Franklín Franco vai um pouco além ao afirmar que «la aportación del negro a la formación del pueblo dominicano ha sido siempre relegada a último plano—cuando no completamente desterrada»². Pode-se dizer que essa rejeição à participação do negro na formação da nação dominicana possui um precedente histórico. A divisão da ilha em duas colônias pertencentes a dois países distintos, a ocupação haitiana de 1822 a 1844, as interferências norte-americanas e a ditadura de Rafael Leónidas Trujillo, de 1930 a 1961, ano em que foi assassinado, são alguns dos fatores que fazem da República Dominicana um país em busca de sua identidade.

Desde o momento de sua formação como nação, afirma Franco, “este país ha sido dirigido por un conglomerado que ha vivido por negar su propia realidad”³. Nega-se a presença do negro e sua participação na formação dominicana. Essa negação é bastante compreensível, uma vez que, ao contrário das outras nações hispano-americanas, que conquistaram suas independências lutando contra Espanha, a República Dominicana consegue a sua lutando contra o Haiti, “nación predominantemente negra, en medio de un ambiente ideológico universal propicio al racismo”⁴. Assim, a idéia de nação dominicana está calcada em oposição ao Haiti: se o Haiti era negro, africano, e praticante do vodu, então a República Dominicana seria branca, espanhola e católica. Uma elite pró-hispânica, anti-haitiana governa a nação, manipulando a grande maioria mulata.

Fortalece-se ainda mais essa idéia de “hispanidad” dominicana durante a ditadura do General Trujillo. Segundo Peter Winn, sua concepção da identidade dominicana “estava baseada na negação da herança africana na população e na cultura”⁵. Assim sendo, nega-se por completo a presença negra na República Dominicana; o negro será sempre haitiano, ou seja, o *outro*.

Obviamente que essa rejeição legitimada em nome do sentimento de nacionalidade conduz à construção de estereótipos negativos. Assim sendo, o

negro será imoral, preguiçoso, portador de doenças. Em outras palavras, assumirá uma identidade que lhe é atribuída, mas que, na realidade, não é a sua.

Desmitificando esses estereótipos está, entre outros, Blas Jiménez que, por meio de sua poesia, afirma a presença negra em seu país, ao mesmo tempo em que valoriza a influência negra, não somente na República Dominicana, mas em todo o Caribe. Segundo James Davis, o poeta “es una de las voces más poderosas en cuanto a su mensaje de la situación socio-política del negro dominicano”⁶. Marvin Lewis afirma que “sua poesia é uma afirmação da *negritude* e um questionamento das funções da estrutura social que assegurarão que a maioria permanecerá pobre e oprimida”⁷. Por conseguinte, Jiménez não somente assume sua “negritude”, como também, “denuncia la situación desventajosa del negro en la sociedad dominicana, tanto como un malhechor social como un problema racial”⁸.

Seus três poemários, *Aquí—otro español*, publicado em 1980, *Caribe africano en despertar*, de 1984, e *Exigencias de un cimarrón*, de 1987, tornam-se, então, espaço de auto-conhecimento, de valorização de uma cultura rejeitada e, especialmente, de reivindicação.

Observa-se de imediato o surgimento de um eu enunciador, que ao mesmo tempo em que se afirma negro, aponta a falta de identidade do negro dominicano. É o caso de “Yo”, onde se verifica o nascimento de uma voz poética negra que, apesar de assumir sua “negritude”, continua sendo o “outro”, aquele que “no tiene tierra, patria, ni / universo...”.

O tema da falta de identidade aparece também em “Aquí”, do qual se depreende uma crítica a todo um povo que segue vivendo uma mentira, ou seja, que nega a verdadeira realidade dominicana, de uma população na maioria mulata e miserável, para viver escondendo-se atrás de máscaras, isto é, um povo “que presenta una frente orgullosa” mas que, na verdade, são “máscaras ficticias de una civilización que aún no ha llegado”. Por este motivo, trata-se de um povo que vive “sentado pensando sentado esperando”.

Nega-se uma vez mais a figura do negro dominicano no poema “Haiti”, onde “eres Haitiano por ser negro / eres negro / eso te hace haitiano”. Observa-se, também, a não valorização do negro: “Negro es lo malo / Malo es lo haitiano / negro es feo / feo es haitiano”.

Em “Cobarde” verifica-se uma crítica àqueles negros que, acomodados nesta situação de super-valorização da cultura européia *versus* a não valorização da cultura negra, se acovardam. É interessante observar a animalização do homem negro que, como um animal, ao aceitar passivamente valores impostos, sem nenhum tipo de reação ou questionamento, está deixando-se “domar” e, conseqüentemente, seguirá na sua “jaula”, obedecendo a seu “amo”:

Aún tienes miedo
cobarde
Aún te encuentras acorralado
cobarde
Aún te encuentras en tu jaula
cobarde
.....
Vives en un mundo fijo,
con miedo
con miedo de ser

Contrastando com a negação da presença negra na República Dominicana, encontra-se uma série de poemas onde se critica a miséria, resiste-se à assimilação aos valores ditados por uma elite branca para, deste modo, buscar-se a afirmação de uma identidade negra dominicana.

Em “Bwana—Señor—Amo” verifica-se a presença de uma voz poética negra que, cansada de ser o “outro”, de ser obrigada à submissão, reivindica seu direito de afirmar-se. Observa-se que assumir sua “negritude” significa também recuperar o idioma perdido no longo processo de aculturação sofrido por seus antepassados:

Bwana. Yo quiero ser negro
Bwana. Dejar de llorar
Bwana. Hablarte en mi lengua
.....
Bwana. En tu lengua vengo
Bwana. Hoy a reclamar
Bwana. Que me deje ser
Bwana. Negro y nada más.

A tentativa de conscientização aparece também em “Negro de mi tierra”. Neste caso, verifica-se a presença de uma voz poética que se dirige a todos os negros em uma tentativa de conscientizá-los de sua situação inferior. Observa-se que, para tal, utiliza o verbo em terceira pessoa do plural; “eles” representa uma minoria branca, dominadora e “tu” a grande maioria negra, dominada:

Negro de mi tierra
tratan de ver por tí
están ciegos,
.....
tratan de oír por tí

están sordos,
tratan de hablar por tí
son mudos
tratan de pensar por tí
son bobos.

Termina o poema revertendo a situação de inferioridade e mostrando ao negro o orgulho que deve sentir, já que:

negro de mi patria
tú eres el futuro
eres mi hijo
eres mi nieto
hijo de mi nieto
mi tataranieto.
Eres negro eres
sí negro eso eres
NEGRO

O poema “Tengo” reflete esse processo de auto-conscientização, onde o eu-lírico assume sua identidade negra, recusando-se a ser qualificado de branco ou índio:

Tengo que sentirme negro
por las tantas veces que fui blanco
tengo que sentirme negro
por las tantas veces que fui indio
tengo que sentirme negro
porque soy negro

Entretanto, assumir sua identidade negra não é uma tarefa das mais fáceis, uma vez que assumi-la será “la contradicción de mi historia”. Mesmo assim, sente “el llamado a re-escribirla / re-escribir la historia de esta tierra”.

Não obstante, observa-se que a meta final é a ausência de qualificações raciais, que só poderá ser alcançada após um estágio de auto-definição, de não-negação. Por este motivo, afirma que «Tengo que sentirme negro /... / hasta dejar atrás el ser negro /... / y ser /... / por las tantas veces que dejé de ser».

A necessidade de resistência à assimilação leva a uma valorização de aspectos negros, sejam eles instrumentos musicais, características físicas ou a própria cor da pele. Tal é o caso de «Canción negra para rifles y atabales», onde a resistência

armada vem unida ao som de um instrumento musical de origem africana. Música e armas serão, deste modo, o caminho para a liberdade:

Tam, tam-tam, tam-tam
los hijos de los negritos
hicieron un compromiso
para despertar al mundo
traen los fusiles listos
.....
Tam, tam-tam, tam-tam
me tocan los atabales
dicen acércate más
que en este ritmo traemos
traemos libertad

“Identificación” toma uma característica física negra, o cabelo, e a transforma em símbolo de resistência, revertendo, deste modo, seu valor. O cabelo do negro simbolizará, então, a força que trata mudanças:

El pelo
como revolución de su personalidad
llenando las negritudes
un medio mundo de cañas

El pelo
por ser diferente
muestra la personalidad
deja salir la negritud
en caminos de cambios
mulatajes Caribe

El pelo

No poema «Hombre» observa-se uma vez mais o orgulho de ser negro por meio da exaltação de algumas características, associadas ou não ao negro:

nadie puede hacerte fuerte
negro fuerte
nadie puede hacerte sabio
negro sabio
nadie puede hacerte bueno
negro bueno

nadie puede hacerte bello
negro bello

.....
porque eres

Outra temática constante na afirmação de uma identidade negra dominicana é a ambigüidade em relação ao que é ser um negro dominicano, ou seja, por um lado o sentimento de orgulho de ser um negro na República Dominicana e, por outro, o sofrimento que leva dentro de si precisamente por tentar assumir essa identidade. Em «Contradicción de un patriota (canto a la patria)», como o próprio título indica, depreende-se uma voz poética cheia de contradições, já que ao mesmo tempo que ama sua pátria, o poeta se sente rejeitado por ela. Trata-se de um verdadeiro retrato da situação do negro nesse país, situação que apesar de presente, tem sua presença negada: “Pienso en ti / te necesito / razones. no tengo”.

Por sentir-se tão apaixonado, parte desse país que o rejeita e que, no entanto, ajudou a formar, reivindica seu direito de ser reconhecido. Esse sentimento de reivindicação ao lado da afirmação da presença negra na República Dominicana será uma constante em todo o poema:

¿Qué quiero?
exijo reconocimiento
que me permitas ser parte de tu historia
porque fui el forjador
fui el labrador
fui el que colocó las piedras en los palacios
fui y soy tu vida.

O poema termina com uma voz poética decepcionada, uma vez que, apesar de todos os seus esforços, segue sendo rejeitada:

Por que después de muchos años
aunque te conozco
aún no me conoces
aunque te canto
aún no me oyes

A preocupação pela miséria do dominicano, especialmente do negro dominicano, é outro tema constante na poesia de Jiménez. No extenso poema «Aquí» verifica-se um questionamento da nação dominicana: ressaltam-se os contrastes da beleza do país e da miséria de sua população: «Aquí frondosos flamboyanes dan sombra / a

niños malnutridos». Trata-se, portanto, de «Un pueblo hambriento que come tradiciones / . . / pueblo sin ideas / . . / pueblo sin historia / . . / pueblo sin pueblo / . . / mi pueblo»; um lugar onde «el negro bembé / . . / se siente cansado al amanecer / . . / no le queda un chele / . . / nada de comer».

Em «Canción No. 1» denuncia a miséria das crianças negras. É interessante observar o uso do ritmo como parte significativa do poema, ou seja, em uma verdadeira rumba, ritmo de origem negra, observa que tais crianças:

se van sin comer
se van a la tumba
se van los negritos
al ritmo de rumba

Como válvula de escape dessa situação de miséria e de rejeição está a imagem da África representando a figura maternal. É o caso de «África No. 1», onde o eu enunciador sente-se violentado, uma vez que foi «despojado de tu vientre / desposeido». Observa-se, também, o desejo de proximidade, de um retorno simbólico, onde a África representa uma fonte de energia e, ao mesmo tempo, um exemplo a ser seguido:

Madre Africa
Desde Santiago te escribo
para sentirte cerca
para volver a tí.
.....
préstame tu fusil
préstame tu orgullo
préstame tus cojones de hombre
madre Africa

“Canto al abuelo desconocido” reflete precisamente essa exaltação da herança africana, representada na figura do avô que, ao contrário da imagem do escravo submisso, tem aqui a imagem do negro quilombola, significando, assim, a resistência à assimilação:

Eres negro de las lomas
eres negro cimarrón
dejaste ya las cadenas
la caña y la plantación
eres negro de las lomas
eres negro cimarrón.

Finalmente, verifica-se o apego à religião africana e a rejeição à religião cristã “branca” como modo de estabelecer uma identidade negra. No poema “Ese Dios” observa-se uma voz poética em estado de revolta ao observar que: “ese Dios es de los que tienen / . . . / ese Dios se merece el oro de los pobres / . . . / y los deseos de los ricos / . . . / porque ese Dios es malvado”. É precisamente esse Deus, associado à Igreja Católica e à civilização europeia, quem “tantas maldades me hizo / tantas mentiras me habló”. Por este motivo questiona a validade desse Deus.

Por outro lado, a imagem dos deuses africanos aparece de maneira positiva, ou seja, revertem-se valores aceitos e impostos pelo conquistador e reconhecem-se outros até então rejeitados: “Dioses míos / dioses de mi lejano reino / . . . / dioses de mis antepasados”.

Concluindo, pode-se afirmar que, por meio de sua poesia, Blas Jiménez tenta estabelecer uma identidade negra dominicana, por muitos negada ou rejeitada. Para que se estabeleça tal identidade o poeta se vale de uma série de temas constantes através dos quais constrói uma cosmogonia negra, à medida em que afirma a presença histórica do negro na República Dominicana e questiona a “hispanidad”, ou seja, a falsa identidade baseada somente no elemento europeu. Tal é o papel não somente do poeta dominicano, mas de qualquer intelectual negro latino-americano, isto é, deverá lutar dentro de sociedades onde, “as formas de conduta e de etiqueta dos brancos bem-sucedidos” predominam.

Bibliografía

- BALAGUER, Joaquín. *La isla al revés: Haití y el destino dominicano*. Santo Domingo: Librería Dominicana, 1984.
- BOSCH, Juan. *Composición social dominicana*. Santo Domingo: Amigo del Hogar, 1976.
- DAVIS, James. “Exigencias de un cimarrón (en sueños)”. *Afro-Hispanic Review*, Columbia, v. 7, n.1, p. 63, Janeiro, 1988.
- . “Ritmo poético, negritud y dominicanidad”. *Revista Iberoamericana*, v. 54, p. 171-186, janeiro-março, 1988.
- FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. *Calibán—apuntes sobre la cultura de nuestra América*. México: Editorial Diógenes, 1971.
- FRANCO, Franklin. *Santo Domingo: cultura, política e ideología*. Santo Domingo: Editora Nacional, 1979.
- JIMÉNEZ, Blas. *Aquí—otro español*. Santo Domingo: Editora Taller, 1980.
- . *Caribe africano en despertar*. Santo Domingo: Editora Nuevas Rutas, 1984.
- . *Exigencias de un cimarrón (en sueños)*. Santo Domingo: Editora Taller, 1987.
- LEWIS, Marvin. “Contemporary Afro-Dominican poetry: the example of Blas Jiménez”. *Cuadernos Latino Americanos*, v. 34, n.3, p. 301-316, janeiro, 1991.

- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- ROSARIO CANDELIER, Bruno. "Los valores negros en la poesía dominicana". *Eme,eme*, San Juan, v.3, n. 15, p. 29-66, 1974.
- WINN, Peter. *Americas: the Changing Face of Latin America and the Caribbean*. New York: Random House, 1992.

Notas

- 1 ROSARIO CANDELIER, Bruno. "Los valores negros em la poesía dominicana". *Eme,eme*, San Juan, v. 3, n. 15, p. 29-66, 1974, p. 30.
- 2 FRANCO, Franklin. *Santo Domingo: cultura, política e ideologia*. Santo Domingo: Editorial Nacional, 1979, p. 13.
- 3 FRANCO, op. cit., p. 87.
- 4 FRANCO, op. cit., p. 90.
- 5 WINN, Peter. *Américas: the Changing Face of Latin America and the Caribbean*. New York: Random House, 1992, p. 290.
- 6 DAVIS, James. "Ritmo poético, negritud y dominicanidad". *Revista Iberoamericana*, v. 54, p. 171-186, janeiro-março, 1988, p. 183.
- 7 LEWIS, Marvin. "Contemporary Afro-Dominican Poetry: the example of Blas Jiménez". *Cuadernos Latinoamericanos*, v. 34, n. 3, p. 301-316, janeiro, 1991, p. 301.
- 8 DAVIS, op. cit., p. 183.
- 9 RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, 226.

